

## Um olhar sobre acesso, pertencimento e permanência da mulher como pesquisadora no Brasil entre os anos de 2001 e 2015

### A look at women's access, belonging and permanence as a researcher in Brazil between 2001 and 2015

**Marcelo dos Santos Azevedo**

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

*maria.do.socorro@hcte.ufrj.br*

[orcid.org/0000-0002-8519-1074](https://orcid.org/0000-0002-8519-1074)

**Resumo.** A representação social da mulher é um fato discutido em toda história da humanidade. O seu *locus* social confunde-se com suas atividades, historicamente impostas. O objetivo deste relato é observar como as questões de gênero se refletem no acesso, no pertencimento e na permanência das pesquisadoras no Brasil, a partir de dados oficiais de distribuição de bolsas de estudo e pesquisa. Por meio da análise da distribuição quantitativa de bolsas, das agências oficiais de fomento à pesquisa no Brasil, entre 2001 e 2015, procura-se desenhar um perfil deste percurso, os descritores escolhidos para a análise foram as modalidades de bolsas e o gênero. O comportamento sugere que entre a fase de graduação e de atuação profissional existem fatores que influenciaram na diminuição da participação do gênero feminino na distribuição de bolsas.

**Palavras-chave:** Gênero. Mulher. Formação. Bolsas de Pesquisa. Pesquisadoras.

**Abstract.** *The social representation of women is a fact discussed in all human history. Its social locus is confused with its activities, historically imposed. The purpose of this report is to observe how gender issues are reflected in the access, belonging and permanence of researchers in Brazil, based on official data on the distribution of scholarships and research. Through the analysis of the quantitative distribution of scholarships, from official research promotion agencies in Brazil, between 2001 and 2015, we seek to draw a profile of this path, the descriptors chosen for the analysis were the scholarship modalities and the gender. The*

*behavior suggests that between the undergraduate and professional performance stages there are factors that influenced the decrease in female participation in the distribution of scholarships.*

**Keywords:** *Gender. Woman. Formation. Research Scholarships. Researchers.*

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/10 Publicado: 05/11/2017

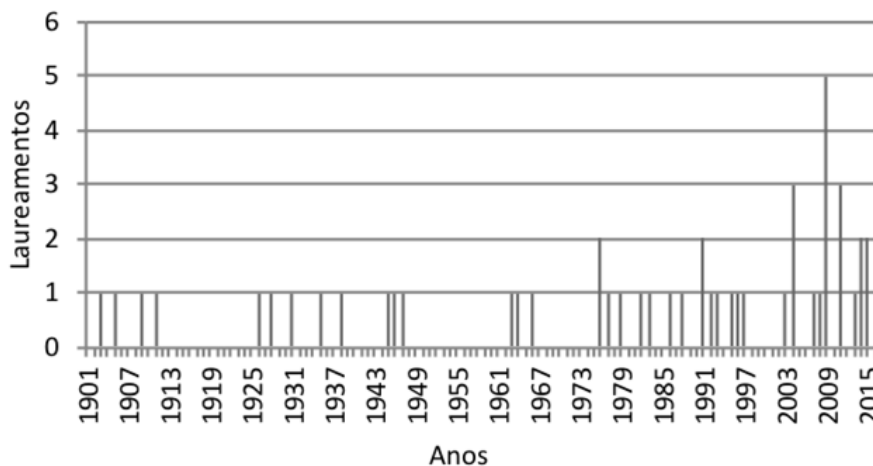
A representação social da mulher é um fato antigo na história da humanidade, bem relatado na literatura. JAFFÉ (1977) discute o significado de artefatos arqueológicos com formas femininas, as Vênus pré-históricas, que suscitam debates sobre a subjetividade do papel desempenhado pela mulher naquele período. A autora sugere que desde a pré-história a mulher tem um *locus* privilegiado na constituição da sociedade humana e que a presença de questões de gênero, em período anterior à escrita, indica que a atuação da mulher transcende, historicamente, os limites domésticos.

No âmbito brasileiro, SANTANA (2009) procurou avaliar a inserção da mulher no ambiente educacional do século XIX. O autor observa, naquele período, que a educação feminina se inicia em ambientes domésticos. E a existência da legitimação de poder econômico e/ou historicamente estabelecido (pai ou marido), em conjunto com pressões de ordem moral e/ou religiosa, moldaram um modelo de comportamento da mulher, em especial, o da esposa, limitando sua presença ao lar. Desta forma, surge uma imagem socialmente estática da mulher, restrita ao ambiente doméstico, perante um patriarcado provedor. Porém LEITE (1992), baseada em seu estudo sobre os relatos de 153 viajantes em visita ao Brasil, entre 1803 e 1900, propõe o conceito de “grupos de convívio” (coabitação de pessoas na mesma propriedade, unidas por atividades de sobrevivência), que rompe com essa representação passiva da mulher. Entre estes, destaca o de Madame Toussaint-Simon (1883), que descreve as atividades das mulheres como um complexo conjunto de ações ligadas ao universo doméstico. Entretanto, a mesma relata que muitas mulheres, em especial nos grandes centros urbanos, exerciam atividades comerciais, sem a supervisão de seus provedores, longe do ambiente doméstico, por meio de seus escravos, obtendo ganhos com a venda de excedentes. Os recursos obtidos eram utilizados para diversos fins, dentre eles, a aquisição de livros, o que sugere uma forma de acesso à leitura, não autorizada.

Entre a pré-história e o período atual, como poderiam ser avaliados os caminhos percorridos pela mulher para sua participação na sociedade, em especial na ciência? LETA (2003) argumenta que a evolução da participação da mulher na ciência se dá em quatro etapas. A primeira, como interlocutora e tutora, sem nenhuma participação nas discussões científicas (séc. XV ao XVII). A segunda, em função de parentesco quando, salvo raras exceções, atuava como suporte aos trabalhos científicos (séc. XVIII). A terceira, no séc. XIX, quando surgem os colégios de mulheres, porém, mesmo com

formação, essas eram marginalizadas profissionalmente. A última, na segunda metade do século XX, “pela necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas (LETA, 2003).

Segundo Sismondo, “As normas institucionais trabalham em combinação com recompensas e sanções, em contextos em que os membros da comunidade são socializados para responder a essas recompensas e sanções.” (SISMONDO, 2004. p.24). Por meio da argumentação acima, podem ser associados como recompensas os prêmios e o acesso às formas de financiamento para a pesquisa, em especial as diferentes modalidades de bolsas, como reconhecimento perante a comunidade científica. No âmbito mundial, a maior recompensa é a láurea concedida anualmente pela Fundação Nobel. Segundo a Fundação Nobel, de 911 laureados, há somente 49 laureadas. O primeiro Nobel para uma mulher deu-se em 1905, à Manya Sklodowska Curie. No Gráfico 1, pode ser observado que para o gênero feminino ocorrem quatro hiatos na premiação, destes desacatam-se dois períodos, de ausência de mulheres: 1918 a 1925, 1948-1963. Estes hiatos coincidem com os períodos pós-guerra dos dois conflitos mundiais, sugerindo uma possível relação de sobreposição, nos períodos de reestruturação econômica e/ou política, em relação aos assuntos associados às questões de gênero. Mesmo sendo multifatorial, pode ser inferido que seja um reflexo da ausência da discussão, já que estariam concentradas em outras áreas, consideradas prioritárias, naquele momento.



**Gráfico 1** - Mulheres laureadas pelo Nobel entre os anos de 1901 e 2016

Fonte: NOBELPRIZE.ORG. NOBEL MEDIA AB 2014. All Nobel Prizes. Disponível em: [http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/lists/all/index.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/lists/all/index.html). Acesso em: 02 Set. 2017.

Em relação ao Brasil, o “Prêmio CAPES de Tese”, anualmente, destaca as melhores teses de 48 áreas de conhecimento. As informações disponibilizadas pela CAPES (BRASIL, 2017) sobre este prêmio, nos anos de 2006 e 2015, permite delinear um perfil sobre a presença da mulher, indicadas como premiada ou orientadora. Na Tabela 1 é possível observar o predomínio, em valores percentuais, do gênero masculino, tanto para os

prêmios quanto para as orientações. Deve-se destacar que no caso dos prêmios houve um aumento na distância percentual entre os gêneros, quando comparados os, anos de 2006 e 2015, apesar de terem ocorridos mudanças na classificação das áreas de conhecimento consideradas pela CAPES.

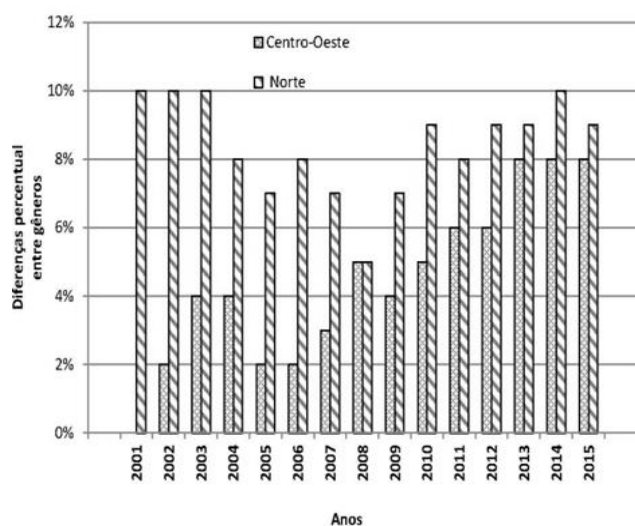
**Tabela 1 – Percentual dos Prêmios e Orientações nos anos de 2006 e 2015**

Ano	Premiadas	Premiados	Orientadoras	Orientadores
2006	43,6%	56,4%	33,3%	66,7%
2015	31,2%	68,8%	35,4%	64,6%

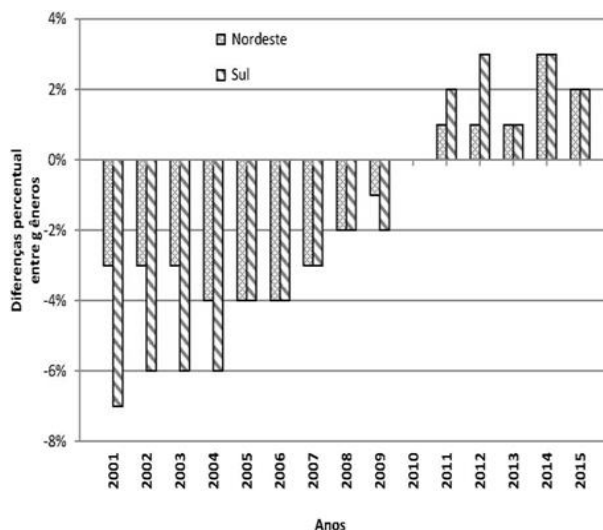
**Fonte:** BRASIL. CAPES. MEC. Prêmio Capes de Tese. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/premiocapesdetese>. Acesso em: 02 set. 2017.

Outro olhar pode ser feito em relação ao acesso de financiamento para formação de pesquisadoras, na forma de bolsas concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), para incentivo à pesquisa no Brasil. O CNPq disponibiliza, no seu portal, os dados de todas as modalidades de bolsas no país e exterior entre os anos de 2001 e 2015. Para a análise, foram escolhidos como descritores: o período (2001 a 2015), a diferença percentual entre os gêneros a partir do número total de bolsas (independente da modalidade), e as regiões político-administrativas do Brasil, associando, com este último, as diversas características socioeconômicas e culturais, considerando que as questões de gênero também possam ter entendimento e percursos regionais diferenciados.

A partir destes critérios observa-se o surgimento de três comportamentos para a distribuição de bolsas. Cada um deles está associado um conjunto regional (Grupo A: Centro-Oeste e Norte, Grupo B: Nordeste e Sul, Grupo C: Sudeste). No Grupo A, apresentado no Gráfico 2-A, é possível observar o comportamento de predomínio histórico do gênero feminino, sendo que, para a região Norte, nos primeiros seis anos, a diferença percentual entre gêneros é maior do que nos anos finais. Já o Grupo B, apresentado no Gráfico 2-B, é observado que a diferença percentual é negativa, o que indica que nos anos iniciais do levantamento houve o predomínio do gênero masculino. Mas, a partir do ano de 2011 o comportamento assemelha-se ao do Grupo A. Para o Grupo C, mostrado no Gráfico 3, o predomínio é historicamente masculino (valores negativos). É importante observar que este é o único grupo que é constituído por apenas uma região (Sudeste).



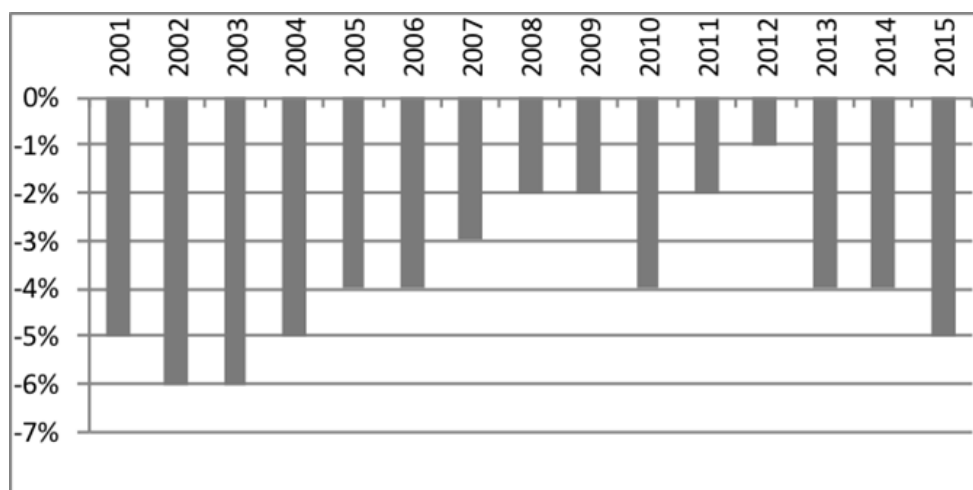
(A)



(B)

**Gráfico 2** – Diferença Percentual das bolsas CNPq de todas as modalidades entre os anos 2001 e 2015 para a (A) Região Centro-oeste e Norte e (B) Região Nordeste e Sul.

**Fonte:** BRASIL. MCTI. CNPq. "Estatísticas". Disponível em: <http://cnpq.br/estatisticas1>. Acesso em: 02 Set. 2017.



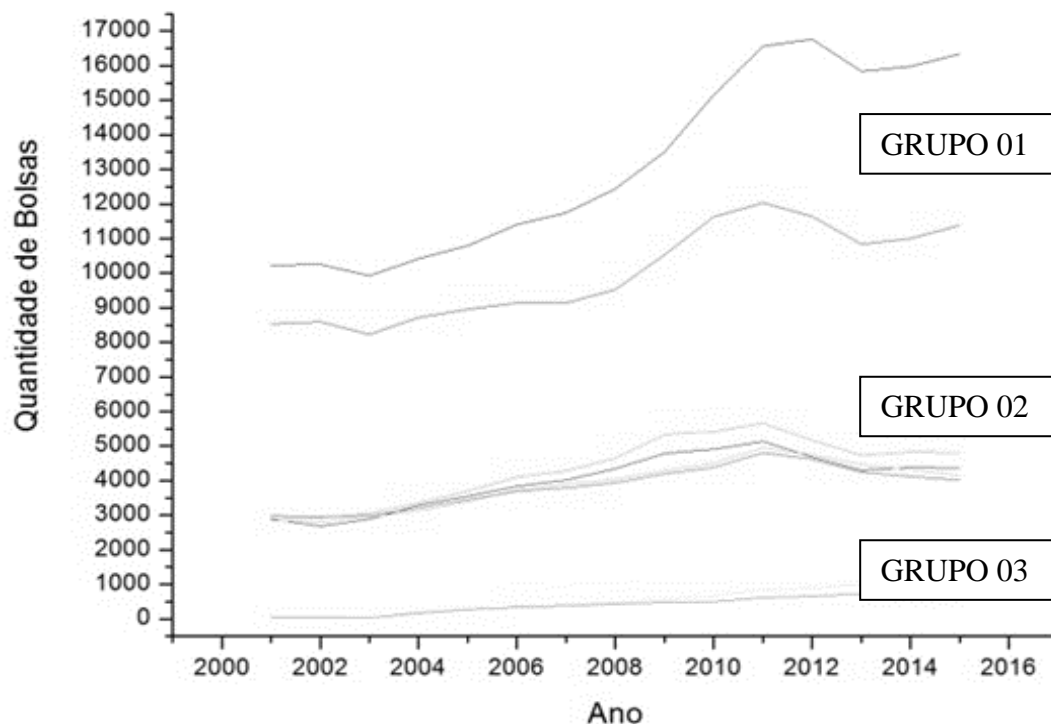
**Gráfico 3** – Diferença Percentual das bolsas CNPq de todas as modalidades entres os anos 2001 e 2015 para a Região Sudeste.

**Fonte:** BRASIL. MCTI. CNPq. "Estatísticas". Disponível em: <http://cnpq.br/estatisticas1>. Acesso em: 02 Set. 2017.

Para entender este quadro é preciso observar detalhadamente as modalidades de bolsas, a evolução cronológica de distribuição e a relação com os gêneros. Para as modalidades de bolsas, os dados foram divididos em três grandes grupos que sugerem o percurso de formação de um pesquisador: primeiro o período de iniciação: as bolsas de iniciação

científica (IC); o segundo de formação: mestrado (M), doutorado (D) e pós-doutorado (PD); e o terceiro de permanência: as bolsas de estímulo a inovação e de produtividade. Com estes novos descritores, diferentes comportamentos são observados, em especial, em relação às modalidades de bolsas, pois a cada uma destas está associada uma titulação acadêmica e, por consequência, inferências sobre a permanência na área de pesquisa podem ser sugeridas.

A partir desta organização dos dados, foram observados quatro comportamentos distintos: um para as bolsas de IC (Grupo 01); outro para as bolsas de M, D e PD (Grupo 02), outro para as bolsas de estímulo a inovação (Grupo 03) e último para as bolsas produtividade (Grupo 04). O Gráfico 4 mostra três faixas de distribuição quantitativas de bolsas. O Grupo 01 ocupa a região mais alta do gráfico (as duas curvas superiores), seguido do Grupo 02 na região intermediária e o Grupo 03 na parte inferior. Há uma proximidade no formato das curvas, entre gêneros nos grupos 02 e 03, sugerindo um equilíbrio entre os gêneros e a permanência do gênero feminino nesta etapa de titulação. Porém, o destaque está nas bolsas de IC, pois há um percurso de predominância feminina, superando com vantagem os homens. Logo, tem-se uma aparente contradição, pelo menos nesta etapa de formação, em relação à afirmação de SISMONDO (2004).

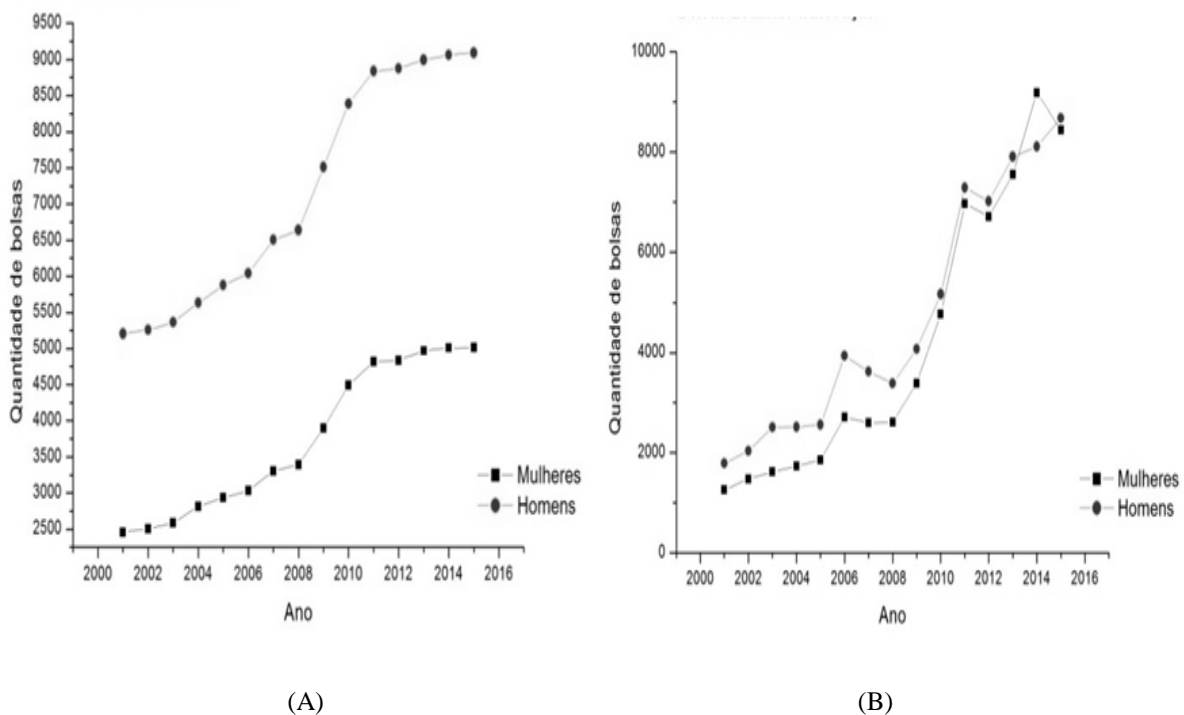


**Gráfico 4** – Quantidade total de bolsas distribuída pelo CNPq entre os anos de 2011 e 2015 em função da modalidade da bolsa e do gênero do bolsista

**Fonte:** BRASIL. MCTI. CNPq. "Estatísticas". Disponível em: <http://cnpq.br/estatisticas1>. Acesso em: 02 Set. 2017.

Também é importante avaliar a etapa de atuação profissional, aqui relacionada especificamente à concessão de bolsas de produtividade e estímulo à inovação com o gênero. Quando estas relações são estabelecidas, dois perfis surgem, conforme o Gráfico 5-A, com bolsas de produtividade e 5-B, com as de estímulo à inovação. Para a bolsa produtividade (A), mesmo com o aumento substancial na quantidade de bolsas ofertadas, o predomínio do gênero masculino é constante e histórico. Para as bolsas de estímulo (B) à inovação, este se apresenta menos pronunciado, muito próximo da equidade de gêneros, mas mantém o predomínio masculino. O que sugere que as duas modalidades podem apresentar, em seus editais de concessões, atribuições que podem favorecer um gênero em relação a outro.

Os dados mostram que a presença majoritária da mulher, na iniciação científica (bolsas de IC), no período analisado (2001-2015), inverte-se em relação às bolsas produtividade, onde há o predomínio masculino. Porém, existem semelhanças entre a distribuição de bolsas de pós-graduação e as de estímulo à inovação, com a proximidade de gêneros.



**Gráfico 5** – Quantidade total de bolsas distribuída pelo CNPq entre os anos de 2011 e 2015 em função da modalidade da bolsa e do gênero do bolsista: (A) de produtividade. (B) de estímulo à produção

**Fonte:** BRASIL. MCTIC. CNPq. "Estatísticas". Disponível em: <<http://cnpq.br/estatisticas1>>. Acesso em: 02 Set. 2017.



Para concluir é necessário que a avaliação dos resultados, mesmo sugerindo que fatores, de origem interna da formação e/ou exterior, reflitam na permanência da mulher nas etapas finais de formação e atuação profissional da pesquisadora, um olhar mais detalhado deve ser feito no período de 2006 a 2010, pois todas as análises indicam mudança de comportamento neste intervalo. Surge, assim, um questionamento: mesmo com esta diferença inicial favorável à mulher, o que ocorre no percurso que não reflete esta vantagem nas etapas seguintes de titulação?

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. CAPES. MEC. Prêmio Capes de Tese. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/premiocapesdetese>>. Acesso em: 02 set. 2017.

BRASIL. MCTI. CNPq. "Estatísticas". Disponível em: <<http://cnpq.br/estatisticas1>>. Acesso em: 01 set. 2017.

JAFFÉ, A. 4 O simbolismo nas artes plásticas. O Homem e seus símbolos, p. 230 a 249, 1977. Disponível em: <http://i0.statig.com.br/correcao provas/enem2011/49555198-Carl-Jung-O-Homem-e-seus-simbolos-parte-4.pdf>>.. Acesso em;

LEITE, M. L. M. Grupos de convívio no Rio de Janeiro (século XIX). Psicologia USP, v. 3, n. 3(1/2), p. 13–36, 1992.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estudos Avançados, v. 17, n. 2001, p. 271–284, 2003.

NOBELPRIZE.ORG. All Nobel Prizes. Disponível em: [http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/lists/all/index.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/lists/all/index.html)). Acesso em;

SANTANA, R. F. A instrução da fêmea: a educação da mulher brasileira no século XIX., p. 137–150, 2009.

SISMONDO, S. An Introduction to Science and Technology Studies. Blackwell, 2004.